

**“DESCULPA, AMOR, VOU TER QUE CONSULTAR SEU BOLETIM”:  
ANÁLISE DE DISCURSOS SOBRE A POLÍTICA NO POP NACIONAL\***

Gustavo Gomes Siqueira da Rocha (UNIRENATOR)  
Alberto Lopo Montalvão Neto (UNICAMP)

**Resumo:** a música, considerada uma das sete belas artes, traz consigo não apenas aspectos culturais, como também representações da própria sociedade ao captar traços do momento histórico no qual ocorre a sua composição. Entre os gêneros musicais de maior sucesso na atualidade, o *pop* marca-se não apenas por trazer diversos aspectos e representações de nossa cultura, como também por trazer denúncias, sendo estas, por vezes, relacionadas a diferentes esferas sociais, como, por exemplo, a política. Destarte, no presente trabalho analisamos como um videoclipe do chamado “*pop drag music*” marca-se como um ato de resistência, não apenas em prol das causas LGBTQIA+, como também como forma de denúncia às questões políticas nacionais. Para isso, com base na Análise de Discurso pecheutiana, centrar-nos-emos na análise do videoclipe “*A Caminhada*”, da *drag queen* brasileira Glória Groove. Nossos resultados apontam para a filiação a (e retomada de) diferentes discursos, ressignificando-os, o que nos remete à consideração de que videoclipes como este caracterizam-se como um acontecimento discursivo e um contradiscurso ao ir de encontro aos preconceitos e estigmas que historicamente oprimem determinados grupos sociais.

**Palavras-chave:** música *pop*; Análise de Discurso; LGBTQIA+; discurso político; resistência.

## 1 Introdução

A música *pop*, no Brasil, conta cada vez mais com representantes e ouvintes de distintos grupos sociais, sendo considerada por Soares (2014, p. 20) como uma “estética de massas”. Inúmeros cantores ganharam destaque no cenário musical *pop*, entre os quais destacam-se mulheres como Anitta, Luísa Sonza, Iza e Lexa. Nesse cenário, artistas como Pablo Vittar, Glória Groove e Lia Clark representam o chamado *drag pop music*, isto é, o *pop* interpretado por cantores representantes do movimento LGBTQIA+, cujo principal objetivo de suas produções musicais muitas vezes pauta-se em ser uma forma de resistência e de luta aos preconceitos e à estigmatização, trazendo canções de empoderamento, inspiração e identificação para o mercado da cultura de massa consumidor da música *pop*.

Considerando o exposto, podemos dizer que a música *pop* está diretamente relacionada ao seu caráter midiático e, nesse contexto, analisá-la significa “reconhecer o contexto do entretenimento e dos agenciamentos das indústrias da cultura em análises e perspectivas” (SOARES, 2014, p. 5). Neste íterim, o *drag music* ganhou força no Brasil na segunda década dos anos 2000, quando diversos *singles* se tornaram *hits*, isto é, ganharam o *status* de sucessos musicais no âmbito da música nacional. Dessa forma, considerando a relevância cultural deste gênero musical e entendendo-o como uma forma de expressão midiática digital, compreendemos que esta análise justifica-se pelo fato de que na contemporaneidade:

---

\*XV Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online



[...] a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma “história do presente” como um acontecimento que tensiona a memória e o esquecimento. É ela, em grande medida, que formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente (GREGOLIN, 2008, p. 16).

Sobre os lançamentos no âmbito do *pop*, Soares (2015, p. 22) disserta ainda que o gênero segue “orientações econômicas fortemente marcadas pela lógica do capital, do retorno financeiro”. Sendo assim, além do caráter de resistência e das influências no processo de identificação dos sujeitos, o *drag pop music* possui um objetivo mercadológico, visando a venda de *singles*, além do aumento de engajamento nas redes sociais e *streams* em plataformas digitais. Porém, há de se ressaltar a importância das formas pelas quais demarcam-se práticas (e discursos) de resistência na música, visto que, ao filiarem-se às suas histórias de vida (e de compreender/ler o mundo), as *drags* comumente trazem em seu repertório aspectos transgressores por meio de denúncias a respeito de distintas questões sociais. Entre elas, estão os crimes que ferem os direitos humanos e a liberdade de ser/estar no mundo, dadas as relações de poder e as normatividades que se colocam sobre o sexo e, consequentemente, sobre as performatividades de gênero (BUTLER, 2000).

Nesse contexto, o presente estudo tematiza os diálogos presentes na letra da música e em cenas do videoclipe “*A Caminhada*” de Glória Groove, lançado em 2019. A justificativa para a realização do estudo pauta-se no fato de que, em recentes pesquisas (MONTALVÃO NETO; SANTANA; ROCHA, 2020, ROCHA; MONTALVÃO NETO; COELHO, 2020), identificamos que audiovisuais, como os videoclipes, caracterizam-se como uma rica materialidade linguística por representarem questões contemporâneas por meio de elementos característicos: através da letra e das cenas, cantoras como a *drag* Glória Groove mobilizam fortes críticas políticas. Partindo dessa premissa, temos a seguinte questão de estudo: de que maneira os videoclipes materializam as representações sociais e quais são os possíveis efeitos de sentido produzidos a partir desta materialização?

Visando responder à questão de estudo, ancorando-nos em pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso (doravante AD) que tem em Michel Pêcheux (1997) e em Eni Orlandi (2003) alguns de seus principais nomes, olhamos para cenas do videoclipe, com o intuito de refletir a respeito da forma como se materializam as representações sociais. Assim, o objetivo do trabalho é compreender os efeitos de sentido que podem ser produzidos a partir da filiação, retomada e deslocamento de determinados discursos.

## 2 Referencial teórico-metodológico

O discurso é entendido por Orlandi como o “efeito de sentido entre interlocutores” (ORLANDI, 1994, p. 53). Nessa relação, considera-se que a linguagem não é transparente, ou seja, apesar da ilusão de que aquilo que dizemos não pode ser dito e significar de outra forma, os sentidos sempre podem ser outros. Há de se considerar, portanto, a opacidade da linguagem e a questão de que aquilo que dizemos e como dizemos implicará na produção de efeitos de sentidos. Em outras palavras, forma e conteúdo são indissociáveis (ORLANDI, 2003).

Para a AD, “pela ideologia se naturaliza o que é produzido pela história” (ORLANDI, 1994, p. 56). Em outras palavras, podemos dizer que “a ideologia é a



interpretação de sujeitos em certa direção, determinada pela relação da linguagem com a história, em seus mecanismos imaginários” (ORLANDI, 1994, p. 56). Nesse sentido, compreende-se que “o ideológico, enquanto ‘representação’ imaginária, está [...] necessariamente subordinado às forças materiais ‘que dirigem os homens’ [...] reinscrevendo-se nelas” (PÊCHEUX, 1995, p. 73).

Ao citarmos Orlandi e Pêcheux, compreendemos que a ideologia materializa-se por meio da linguagem, numa relação língua-sujeito-história-mundo. Não obstante, compreende-se que a sociedade na qual nos inserimos é marcada por uma série de posições e formas de ser sujeito que são históricas, isto é, posições no discurso, a partir das quais é possível filiar-se a determinadas redes de sentido por meio de um dado imaginário social, que abre margens para aquilo que pode e deve ser dito, considerando o lugar que o sujeito ocupa na sociedade. Em resumo, há posições históricas, hierárquicas, a partir das quais os sujeitos estabelecem relações de sentido, muitas vezes decorrentes de relações de força, e assim são autorizados a dizer. Outrossim, podemos dizer que “a posição do sujeito é apenas o efeito de uma regra que é, ao mesmo tempo, de polidez e de economia, regra esta inteiramente dependente do enunciado, onde se reabsorve logicamente” (PÊCHEUX, 1995, p. 46).

Por exemplo, sabemos que determinados dizeres são permitidos a um cientista, político, professor... Dessa forma, compreende-se que há formações ideológicas e formações discursivas, a partir das quais constituem-se e circulam determinados sentidos. É por meio da filiação a essas redes de sentidos que os sujeitos são capazes de enunciar e interpretar. Nessa relação, “a interpretação é sempre regida por condições de produção específicas que, no entanto, aparecem como universais, eternas” (ORLANDI, 1994, p. 57).

Como aponta Orlandi (2003), os sujeitos, além de acreditarem que são a origem de seu dizer e que os sentidos são unívocos, a partir dos efeitos do interdiscurso (necessários para que possam enunciar), terão os seus dizeres e possíveis interpretações direcionadas pelas condições de produção imediatas (o momento em que fala) e amplas (as questões históricas que perpassam o seu dizer) que estão envolvidos no processo de enunciação. Nessa relação, considerando que a AD “[...] oferece ferramentas conceituais para a análise desses acontecimentos discursivos, na medida em que toma como objeto de estudos a produção de efeitos de sentido, realizada por sujeitos sociais, que usam a materialidade da linguagem e estão inseridos na história” (GREGOLIN, 2008, p. 13), a análise aqui apresentada colabora para a compreensão dos efeitos da história, considerando-os enquanto acontecimentos discursivos (PÊCHEUX, 1990) que levam a deslocamentos do “já-dito” e permitem outras interpretações a respeito de enunciados pré-existentes. Isso ocorre por meio da (res)significação de determinados discursos e com fins de criar condições para formulação de contradiscursos frente às forças predominantes na sociedade e, conseqüentemente, criar-se modos de resistência.

Diante do exposto, em termos metodológicos, sendo uma pesquisa de caráter qualitativo na qual realizamos um movimento de descrição e interpretação, mobilizamos as noções e os princípios da AD pecheutiana enunciados nesta seção para fundamentar e orientar as análises. Em outras palavras, considerando os pressupostos teórico-metodológicos do referencial escolhido, analisamos o videoclipe foco de nossas reflexões.

### 3 Resultados e Discussões



Lançado no dia 19 de dezembro de 2019, o videoclipe “*A Caminhada*” é o quarto e último single do EP “*Alegoria*” de Glória Groove, que, além da música aqui descrita, possui outras canções, tais como: “*Mil Grau*”, “*Magenta Ca\$h*” e “*Sedanapo*”<sup>1</sup>. O videoclipe acumula, até o mês de agosto de 2021, mais de 9 milhões de acessos na plataforma *YouTube*<sup>2</sup> e foi dirigido por Felipe Sassi, que também dirigiu outros videoclipes do EP “*Alegoria*”. Ademais, Sassi também foi o diretor de videoclipes de outras cantoras *pop* da atualidade, tais como Wanessa Camargo, Lia Clark e Iza.

O videoclipe “*A Caminhada*” tem início com Glória Groove entrando em um baile com outras pessoas LGBTQIA+, em uma clara alusão à série “*Pose*”, que retrata os bailes criados pelo movimento na década de 1980, e cujo objetivo era a promoção de entretenimento entre a “minoría”, até então excluída e marginalizada<sup>3</sup>. Em uma das partes da letra, logo no início da música, ao dizer “*Liga a TV, põe na GNT, vai me ver de Moschino, linda no sofá*”, a cantora faz referência a sua participação no programa “*Superbonita*” do canal de TV por assinatura GNT, aludindo ao seu figurino no dia: um Moschino. Observamos, então, que marcam-se relações de sentido a partir da filiação da cantora às questões que são comuns ao público LGBTQIA+ por estarem em seu imaginário social. Isso porque, a referência à série “*Pose*”, que tem suas representações pautadas num contexto histórico de resistência à estigmatização social e de ascensão do movimento LGBTQIA+ no final dos anos 1980<sup>4</sup>, junto à referência à entrevista de Glória a um programa de TV que tem como objetivo entrevistar mulheres, e que, num movimento contra-hegemônico, entrevista uma *drag queen*, representam acontecimentos discursivos, deslocamentos, rupturas, que não só são permitidas pela retomada de determinados dizeres (e discursos) que estão na memória deste público, como também reedita-os sob condições de produção de sentidos que reforçam o empoderamento do movimento LGBTQIA+ pela performatividade do feminino.

Após a parte inicial do videoclipe, que ocorre na festa LGBTQIA+, conforme mencionado no parágrafo anterior, os integrantes partem para um tribunal em tom de revolta, que é retratada pelos olhares de indignação e pelo fato deles portarem itens, como bombas de gás e outros objetos para atacar e invadir o local no qual estão armazenados os arquivos judiciais. Nesse sentido, a ida ao tribunal ocorre com o objetivo de resgatar documentos de crimes que envolvem questões como corrupção política (e econômica), misoginia e LGBTFobia, e que foram arquivados pela justiça, não tendo uma solução definitiva.

Podemos ver a representação dessa questão no videoclipe, a partir de uma sequência de cenas que mostram Glória Groove carregando um carrinho com os arquivos que obteve em decorrência da invasão mencionada ao local. A cena mostra insetos e vermes andando por cima de documentos envelhecidos e que possuem como destaque palavras como “*fake news*”, “*Marielle Franco*”, “*feminicídio*” e “*Direitos LGBT*”, conforme mostramos a seguir:

<sup>1</sup>Disponível em: <https://www.papelpop.com/2019/11/gloria-groove-lanca-seu-novo-ep-o-dancante-alegoria/>. Acesso em: 22 ago. 2021.

<sup>2</sup>Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cZ7f491O5yo>. Acesso em: 22 ago. 2021.

<sup>3</sup>Disponível em: <https://www.adorocinema.com/series/serie-21909/>. Acesso em: 07 set. 2021.

<sup>4</sup>Disponível em: <https://cinepop.com.br/pose-conheca-a-serie-que-estrou-na-netflix-e-traz-o-maior-elenco-trans-da-historia-da-televisao-225118/>. Acesso em: 07 set. 2021.





Figura 1: Cenas do videoclipe “A Caminhada”. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=cZ7f491O5yo> Acesso em: 02 set. 2021.

A figura 1 materializa elementos visuais que denunciam a corrupção política nacional. Pelas cenas, observamos que, após o resgate dos arquivos, o grupo se encaminha a uma sala onde os políticos estão reunidos e os confrontam diretamente com todos os documentos que resgataram. Conforme pode ser observado na cena, nesse momento os políticos tentam, desesperadamente, esconder os papéis, de forma a ocultar os crimes que foram expostos.

Podemos elencar três elementos centrais nas cenas: a) o empoderamento de Glória Groove, ao enfrentar políticos corruptos, desmascarando-os ao trazer à tona os papéis que denunciam os seus crimes; b) os vermes sobre os papéis aparentemente amarelados e empoeirados e que representam não apenas um imaginário social relacionado ao longo tempo transcorrido, indicando o quanto esses documentos foram guardados por anos, como também apontam para uma crítica que relaciona-se à podridão da política nacional, visto que, no imaginário social, vermes representam algo asqueroso e repugnante; c) o desespero dos políticos para pegar os documentos do chão após serem jogados por Glória Groove, apontando para o medo que esses sujeitos aparentam ter de que seus crimes sejam revelados.

Esses elementos filiam-se a questões que estão no imaginário social dos sujeitos e que são pertencentes a diferentes formações discursivas, relacionando, assim, aspectos do discurso político, do discurso cotidiano e dos discursos de resistência emergentes do movimento LGBTQIA+ para trabalhar com os efeitos da memória e permitir um (re)emergir de dizeres, ressignificados, com o propósito de apontar para denúncias.

Subsidiados em Pêcheux (1990), compreendemos que a mobilização de tais elementos audiovisuais trata-se de um acontecimento discursivo. Isso porque, há a retomada de determinados dizeres, com a sua consequente ruptura com enunciados que permitiram, até então, filiações históricas a determinados sentidos. Essa ruptura leva à emergência de novos sentidos, a partir da (re)inscrição desses dizeres, sob outras formas, em outro momento histórico. Há, portanto, o deslocamento de sentidos, que ocorre pela retomada do “já-dito”, um pré-construído<sup>5</sup>, ou seja, um efeito que representa “a modalidade discursiva da discrepância pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito... ao mesmo tempo em que é ‘sempre-já sujeito’” (PÊCHEUX, 1995, p. 156). Em outras palavras, a mobilização de determinados dizeres e discursos para (res)significar, levando à configuração de contradiscursos postos por sujeitos do movimento LGBTQIA+ para denunciar corrupções e crimes que os afligem até a atualidade, mostra como tais deslocamentos permitem novos processos de identificação e relações de sentidos que apontam para compreensões outras.

Podemos refletir sobre a materialização das representações sociais, com seus consequentes deslocamentos discursivos, a partir do que é colocado por Pêcheux, que diz:

O papel de sintoma que reconhecemos no funcionamento de certo tipo de brincadeira (nas quais o que está, em última instância, em jogo é a identidade de um sujeito, de uma coisa ou de um acontecimento) com respeito à questão da interpelação-identificação ideológica nos leva a colocar, em ligação a esse sintoma, a existência do que chamamos de um processo do significante, na interpelação-identificação (PÊCHEUX, 1995, p. 156).

Nesse sentido, considerando que a linguagem não é apenas estrutura, mas um acontecimento (PÊCHEUX, 1990), compreendemos que a mobilização de distintas representações e discursos mostram como que, a partir daquilo que já foi dito (e que, pelo efeito da memória discursiva, ocorre o esquecimento de tal fato), há uma dinamicidade das relações (e jogos) da linguagem, de modo que o ato de resistir está justamente nas condições de produção e nos processos de identificação de sujeitos. Em linhas gerais, o que queremos apontar é que, em meio a um cenário animado e descontraído, característico de manifestações do público aqui retratado, tal como ocorre em manifestações como a Parada do Orgulho

---

5 Conforme aponta Vinícius Siqueira na página “Colunas Tortas”, o pré-construído “[...] não só possibilita a existência do indivíduo como sujeito falante de uma formação discursiva, como é instrumento de realização do esquecimento nº1, a ilusão de que o sujeito é produtor do sentido daquilo que fala, já que será através dele que o sujeito ignorará a origem dos enunciados de seu discurso e os colocará no fio do discurso automaticamente, como se seu sentido fosse evidente. Ele é um efeito discursivo que tem como disparo o encaixe sintático [...] e que funciona como a presença de um domínio de pensamento em outro [...] sendo assim, o pré-construído aponta a presença de um discurso em outro. Essa presença é anterior. Existe algo dito antes da enunciação”. Disponível em: <https://colunastortas.com.br/o-pre-construido-michel-pecheux/>. Acesso em: 07 set. 2021.



LGBTQIA+, ocorrem denúncias a questões que caracterizam-se como dores aos integrantes do movimento.

Tais manifestações de denúncia apontam para casos como: a) a morte de Marielle Franco, conhecida por sua defesa no âmbito da política das causas LGBTQIA+ e à população negra<sup>6</sup>; b) as *fake news*, que, a cada dia, tornam-se um problema cada vez mais agravante, e que, não apenas levam ao descrédito de informações providas de fontes fidedignas, como as Ciências, como também tem sido uma espécie de “arma” utilizada por políticos para controle da população em prol de seus interesses (MONTALVÃO NETO *et al.*, 2020); c) o respeito à diversidade, principalmente no que toca às questões de sexualidade e de gênero, e que, apesar de existirem lutas por direitos há décadas, esses direitos ainda são frequentemente infligidos<sup>7</sup>, principalmente com a morte de muitas mulheres<sup>8</sup> e LGBTQIA+<sup>9</sup> ao longo dos anos.

Diante das questões expostas, consideramos que o videoclipe analisado configura-se como um contradiscurso às hegemônicas formas de opressão por meio dos deslocamentos discursivos apontados. Essa questão reafirma-se em várias cenas e, especificamente em seu desfecho, o videoclipe se encerra com uma cena que apresenta Glória Groove, vestida com uma roupa preta e branca, e seu grupo, em uma sala, com um olhar dominador, demonstrando que conseguiram vencer os políticos corruptos que enfrentaram. O videoclipe termina com uma porta se fechando e finalizando a cena. Tais elementos representam a luta e o empoderamento do movimento LGBTQIA+.

Aliado a isso, ao longo da música, a *drag* canta: “*Fia, na passarela tu não se cria. Vai bater de frente com a dinastia*”, aludindo ao fato de que políticos corruptos, conforme representados no videoclipe, não terão espaço, isto é, não poderão se opor perante a força que representa o movimento LGBTQIA+, denominado pela cantora de “dinastia”. Nesse sentido, compreendemos que “*A caminhada*” caracteriza-se como uma, entre outras expressões musicais do *pop*, que marca-se no atual cenário político como uma forma de resistência.

#### 4 Considerações finais

Este estudo teve como objetivo refletir sobre as representações e os possíveis efeitos de sentidos produzidos a partir da filiação do videoclipe de Glória Groove a determinadas formações discursivas, compreendendo, assim, os seus deslocamentos de sentidos.

A partir da mobilização de noções e princípios da AD, nossas reflexões apontam para a retomada do “já-dito”, em outros contextos e com outros sentidos, marcando-se no videoclipe um acontecimento discursivo. Nesse sentido, compreendemos que a filiação a (e resignificação de) determinados sentidos apontam para o *pop drag music* como uma forma de resistência às opressões sociais, estando entre elas a LGBTQfobia. Além disso, o videoclipe denuncia crimes contra os LGBTQIA+ e as mulheres, além de formas de manipulação que infligem as informações credíveis, como é o caso das *fake news*. Em suma, compreendemos

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.politize.com.br/quem-foi-marielle-franco/>. Acesso em: 07 set. 2021.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/direitos-humanos/direitos-humanos-e-diversidadessexual-e-de-genero-no-brasil-avancos-e>. Acesso em: 07 set. 2021.

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.tjrj.jus.br/web/guest/observatorio-judicial-violencia-mulher/o-que-e-a-violenciadomestica-e-o-feminicidio>. Acesso em: 07 set. 2021.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/05/17/dia-internacional-contra-a-lgbtqfobia-mortesforam-subnotificadas-no-ultimo-ano>. Acesso em: 07 set. 2021.



que o discurso político, junto a outros discursos, é deslocado, de modo a abrir margens para denúncias relativas ao desrespeito aos direitos humanos e à diversidade, algo que é marcado para além da posição-sujeito *drag queen*, visto que essas denúncias materializam-se não apenas na constituição dos próprios sujeitos em suas performances de gênero, como também por meio dos sentidos que por eles são produzidos.

Vale destacar que este estudo é um recorte de uma pesquisa mais ampla. Temos buscado compreender as formas pelas quais diferentes meios midiáticos influenciam na (re)produção de identidades, a partir de distintas materialidades. Assim, reconhecemos a limitação que a análise de apenas um videoclipe pode significar. Porém, colocamos este como um, entre outros exemplos, que temos nos debruçado para pensar em formas de resistência. Por fim, apontamos que, além das denúncias, cabe a produção de outras pesquisas, teóricas, empíricas e/ou analíticas, que possam trazer a emergência de anúncios, ou seja, possibilitar meios para ir de encontro às opressões e estigmas sociais na contemporaneidade.

## Referências

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. *In*: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado** – pedagogias da sexualidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, 2ª Edição. Autêntica: Belo Horizonte, 2000, p. 151-166.

GREGOLIN, M. R. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação mídia e consumo**, v. 4, n. 11, p. 11-25, 2008.

MONTALVÃO NETO, A. L.; ROCHA, G. G. S.; SIMAS FILHO, J. P.; MACHADO, R. Ciência, fake news e pós-verdades: a produção de efeitos de verdade em tempos de pandemia. *In*: XV Congresso Internacional de Linguagem Online (CILTec-ONLINE), 14., 2020, Belo Horizonte. **Anais...** Texto Livre: Belo Horizonte, 2020. p. 1-8.

MONTALVÃO NETO, A. L.; SANTANA, W. K. F.; ROCHA, G. G. S. “Em toda sua Glória e Alegoria!”: interação discursiva em videocliques de Glória Groove. **RevLet – Revista Virtual de Letras**, v. 12, n. 02, p. 80-99, ago./dez. 2020.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, E. P. Discurso imaginário, social e conhecimento. **Em aberto**, Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (1969). *In*: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2 ed., Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. **Discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.



PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio** (1975). Trad. Eni P. Orlandi, Lourenço C. Jurado Filho, Manoel Luiz G. Corrêa, Silvana M. Serrani. 2 ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

ROCHA, G. G. S., MONTALVÃO NETO, A. L.; COELHO, C. A. A intertextualidade na construção de sentidos em músicas do pop nacional. In: ENCONTRO VIRTUAL DE DOCUMENTAÇÃO EM SOFTWARE LIVRE E CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUAGEM E TECNOLOGIA ONLINE, 14., 2020. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2020. p. 1-7.

SOARES, T. Abordagens teóricas para estudos sobre cultura pop. **Logos**, v. 2, n. 24, p. 1-14, 2015.

